

Sugestões para

LITURGIA DOMINICAL

23 DE ABRIL DE 2017 | 2º DOMINGO DA PÁSCOA – ANO A

“Sem ter visto o Senhor, vós o amais.”

Textos Bíblico-litúrgicos: At 2,42-47 // Sl 117 // 1 Pd 1,3-9 // Jo 20,19-31.

Antífona de Entrada: “Como crianças recém-nascidas, desejai o puro leite espiritual para crescerdes na salvação, aleluia!”

Oração do dia: Reacendei em nós a fé, e fazei com que compreendamos melhor o batismo que nos lavou e o sangue que nos redimiu.

Oração sobre as oferendas: Que, renovados pela profissão de fé e pelo batismo, consigamos a eterna felicidade.

Antífona da comunhão: “Estende tua mão, toca o lugar dos cravos, e não sejas incrédulo, mas fiel, aleluia!”

Oração depois da comunhão: Que conservemos em nossa vida o sacramento pascal que recebemos.

1. A Oitava da Páscoa é muito rica de significado para nossa Tradição. Tanto as leituras quanto a eucologia insistem no aspecto batismal, inspirando-nos à perseverança da fé que recebemos e que, na liberdade, acolhemos. Na época catecumenal, após a celebração da Vigília Pascal, na qual eram iniciados os catecúmenos sacramentalmente na fé, os neófitos vivenciavam uma semana – as chamadas Oitavas – de amadurecimento na fé pascal que haviam recebido. Tratava-se de um tempo rico no qual o Bispo fazia as chamadas mistagogias com os recém-cristãos, iniciando-os nos mistérios que haviam passado a celebrar com a comunidade. Ainda hoje usamos essa denominação, apesar de o costume catequético não mais se realizar. Oxalá nossas comunidades pudessem reassumir essa experiência, na qual todos os cristãos vivessem essa semana como processo de amadurecimento da fé. Na liturgia desse domingo, essa dimensão catequética continua. O 2º domingo da Páscoa, desde João Paulo II, passou a ser chamado de Domingo da Misericórdia. O domingo é, para a comunidade cristã, momento ímpar da celebração da Páscoa e renovação das promessas batismais.

2. João descreve duas aparições do Ressuscitado. Uma, no primeiro dia da semana, no entardecer, início do domingo (cf. Evangelho, v. 19), quando os discípulos já estão reunidos. Aparece-lhes, deseja-lhes a paz, sopra-lhes o Espírito e os envia, com a dádiva de perdoar pecados (cf. Evangelho, vv. 21-23). Mas é preciso acreditar nos dons recebidos, na missão a desempenhar, no ensinamento aprendido e memorado. Só a fé é possível transformar o dom em realidade. Oito dias depois, portanto noutro domingo (cf. Evangelho, v. 26), Tomé, ausente do primeiro encontro com o Ressuscitado, duvida do relato do testemunho dos apóstolos. E,

portanto, de tudo que foi dado por Jesus à comunidade de discípulos reunida. É um cético: só acredita no que vê. É modelo de muitos que só acreditam no que os sentidos lhes permitem acessar. Por isso Tomé quer ver (visão), tocar (tato). Hoje muitos só acreditam no que a ciência pode ver (enunciar) e tocar (experimentar/provar). Mas o que podemos ver, tocar, não necessita de fé. É a realidade sensível, permitida pelos sentidos. Não é por acaso que o relato da incredulidade se dá oito dias após o primeiro encontro do ressuscitado com os apóstolos reunidos. A reunião da comunidade é reunião do memorial pascal, do testemunho dos apóstolos (I Leitura, v. 42). Eram as primeiras experiências de comunidade pós-pascal reunida. Era igreja recém-nascida, como criança (cf. Antífona de Entrada). Tempo crucial para crer ou não no Cristo, no testemunho dos apóstolos. A fé engatinhava. Era crer agora sem a presença do Cristo (II Leitura, v. 8). Crer e perseverar eram o desafio da igreja apostólica que se reunia.

3. “Sem ter visto o Senhor, vós o amais” (II Leitura, v. 8): a vida da igreja apostólica era um nascer de novo (cf. II Leitura, v. 3 e Oração sobre as oferendas). Nascer para a esperança, para a fé da herança incorruptível na ressurreição (cf. Oração do dia). O nascer de novo, simbolizado no batismo, exigia uma vida em conformidade com esta nova vida. E as comunidades da igreja apostólica tinham quatro pilares: a persistência na oração, a partilha solidária, a perseverança às reuniões semanais do domingo para “ouvir os ensinamentos dos apóstolos” (= pregação) e a comunhão fraterna (I Leitura, vv. 42-46). E louvavam a Deus, provavelmente com orações e cantos. Por isso a afirmação: “Sem ter visto o Senhor, vós o amais” da II Leitura (v. 8). A vida deles testemunhava a fé do batismo que receberam: fé mesmo sem terem conhecido pessoalmente a Jesus, através da crença no testemunho dos apóstolos, que os fez, também, testemunhas deste amor a Cristo. Mesmo quando provados (cf. II Leitura, v. 7), a fé lhes inspirava esperança. Eles são os Bem-aventurados, que creram e alcançaram a salvação (cf. II Leitura, v. 9; Evangelho, v. 29).

4. Jesus não nos deixou nada escrito. Dele temos os testemunhos dos apóstolos. Por isso, crer no Cristo é crer no testemunho dos apóstolos sobre Jesus Cristo. Somos igreja apostólica. Dos apóstolos recebemos o testemunho e o legado da fé. Mas não é só isso. É esforçarmos para viver a fé como os apóstolos nos ensinaram: na oração, na partilha, na comunhão do pão e na escuta do testemunho dos apóstolos (= escuta do evangelho). É louvar a Deus sempre, e ser testemunhas de esperança no mundo. O Tempo Pascal é momento propício para percebermos o rumo de nossa caminhada cristã. Acompanhando a Liturgia da Palavra deste tempo, vamos percebendo como nossa comunidade deve beber do mistério pascal de Cristo e do testemunho apostólico, que nos dão identidade. A fé cristã nasce da Ressurreição de Jesus. O nosso testemunho aos irmãos é este: a vida vence a morte. Esse legado é papel de todo cristão que se fez nascer pelas águas do batismo, como imersão na morte de Cristo e emersão na sua ressurreição.

Sugestões litúrgicas

- 1. O canto de entrada para esta celebração é o “Na verdade o Cristo ressuscitou”, inspirado no salmo 138, presente no Cd Liturgia XVI.*
- 2. Omita-se o ato penitencial, após a saudação. Sugerimos a sua substituição pelo modo de aspersão da comunidade, depois da profissão de fé.*
- 3. Para a profissão de fé, que a comunidade tenha velas nas mãos, que deverão ser acesas no Círio Pascal. Após a profissão, prossiga-se com a aspersão.*